

# OS TEMPOS DA INTIMIDADE NA MORADA E OS ESPAÇOS DE VIVER EM FAMÍLIA: CÓDIGOS DE BOM-TOM OU REGRAS DE CIVILIDADE E BEM VIVER NA PROVÍNCIA DE SERGIPE. ENGENHO ESCURIAL UM ESTUDO DE CASO.

Autor:

Leonardo Matos Feitoza<sup>1</sup> – Universidade Tiradentes – UNIT - e-mail:

[leomatos.f@gmail.com](mailto:leomatos.f@gmail.com)

Co-autor:

Renato Ramalho Motta<sup>2</sup> - Universidade Tiradentes – UNIT- e-mail:

[ramalhus@hotmail.com](mailto:ramalhus@hotmail.com)

## I – Introdução

Arelado a todo um simbolismo ritualístico das elites européias é que se inseriu no Brasil oitocentista às regras de civilidade e bem viver criadas pelo mundo ocidental moderno. Estes costumes foram difundidos ainda no final do século XVIII por uma poderosa aristocracia francesa, adotando algumas regras e padrões a mesa, assim como regulando condutas e posturas para os locais públicos e, sobretudo, de grande convivência social.

Mas não eram somente os hábitos à mesa que se transformavam, também a fala da corte foi sendo modelada e regulada, na medida em que nesse espaço não havia lugar para a livre manifestação dos sentimentos e intenções. Ao contrário, as expressões mais corriqueiras passam por séria revisão e tornaram-se matéria a ser oficializada, assim como se normatizavam certas fórmulas na arte de cumprimentar ou de agradecer, manifestar apreço ou tristeza, congratulação ou pesar. (SCHWARCZ, 1997)

A prática dessas boas regras que demarcavam o conceito de “civilidade”, na verdade era o teatro da corte, mas estabelecia categorias claras entre os homens deste mundo e o resto da multidão. Além das habitações, o vestuário, as expressões e os gestos, destacavam-se de maneira visível as diferenciações sociais da pequena gama “letrada, culta e civilizada” do restante, com hábitos primitivos e animais.

Norbert Elias nos mostra em seu livro *O processo civilizador* (1994) que o conceito de civilização ou do seu ancestral *civilité* evoluiu, modificou-se de acordo com as necessidades do meio. Pois se no medievo *civilité* era a prática de utilizar a cruz e a espada, por meio das guerras em busca de novos territórios em nome de Deus e da

salvação das almas impuras e incrédulas, no fim da Idade Média em transição para modernidade, fala-se em civilizado, este ainda mais evoluído do que seu já primitivo *civilité*, sendo agora sinônimo de etiqueta ou boas regras de comportamento, onde estas práticas não são adereços da nobreza e nem da burguesia ascendente, mas sim um instrumento fundamental para pertencer a estes grupos.

Em sociedades rigidamente estruturadas, cujas marcas exteriores convertiam-se em símbolos de status, demonstração de hierarquia e regras de prestígio, desenvolveu-se uma determinada sensibilidade ritual, uma “maquinaria do cerimonial”, cujo resultado, além de uma regulamentação de influências e posições, era o controle e a contenção dos sentimentos e da manifestação de sensações. (ELIAS, 1994)

Ao trabalharmos com as regras de etiqueta adotadas pelas famílias aristocráticas brasileiras e conseqüentemente as sergipanas, estrito aos Dias Coelho e Melo, iremos cruzar fronteiras e extrapolar os limites da corte brasileira até chegarmos a Portugal, onde pela primeira vez foi publicado em 1845 o *Código do bom-tom ou Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*, de J. I. Roquette. Este trabalho, assim como muitos outros que tratam sobre regras de etiqueta, buscaram suas principais influências na França, país que é exemplo de civilidade e bons modos em todo o mundo e que influenciou o Brasil, e Sergipe, diretamente durante os oitocentos.

Eram em exemplares como estes que as proeminentes famílias aristocráticas ou burguesas no XIX iam à procura das melhores regras, as mais bem valiosas condutas e posturas de comportamento. Nestes guias de boas maneiras ensinava-se, por exemplo, como deveriam ser os cumprimentos em cerimônias públicas, dicas estas dadas tanto aos cavalheiros como também as damas, deixando-se bem claro as diferenças para ambos os sexos. Eram expostas ainda como homens e mulheres deveriam comportar-se nas Igrejas e encontros que tivessem caráter eclesiástico.

Apontavam-se também as condutas à mesa, nos bailes e diante de autoridades, como reis, príncipes, imperadores, governadores e outros. Em fim, as regras eram muitas, até mesmo como moças e rapazes deveriam escrever cartas e bilhetes a amigos ou parentes. Sempre especificando de maneira clara e direta as diferenças de comportamento entre os gêneros.

Foi partir dessa realidade repleta de convenções sociais, que os Dias Coelho e Melo, proeminente família sergipana, que tinha como patriarca Antônio Dias Colho e

Melo, o Barão da Estância, adéquam-se aos códigos de bom-tom que chegam ao Brasil, pois não era somente fortuna e influência política que determinava a que grupo social esta família estava enquadrada, mas as posturas em relação a civilidade.

Também em seu vultoso palacete, o patriarca demonstrava como o poderoso clã estava sempre em busca do que havia de mais requintado e luxuoso para composição dos ambientes, mais uma vez igualando-se ao fausto que os solares da côrte representavam, trazendo para a Província de Sergipe o que havia de mais moderno e requintado no Império.

## II – Os espaços de viver em família

Os espaços de viver em família ou os de receber visitas evoluíram com o passar dos tempos, adequando-se as necessidades e de acordo com as aquisições de mobílias e objetos decorativos que a modernidade trazia como sinônimo de beleza e luxo para quem os possuísse. Assim, a sala como centro do setor social foi alvo de transformações deste tipo, não perdendo, porém, sua característica principal do ambiente de receber, mesmo agregando-se a ela, com o correr do tempo o espaço de jantar.<sup>1</sup> É exatamente esta junção oitocentista que caracteriza o neoclássico palacete Escurial, a junção no pavimento superior do espaço de receber, de dançar e servir refeições durante eventos importantes, ambientes estes contíguos e fronteiros voltado para a parte frontal da casa.

Segundo a descrição de alguns viajantes ao caracterizar os espaços de receber no século XIX, em particular L.L. Vauthier (1943), afirmam: “lá encontramos o melhor mobiliário da casa, os utensílios mais aparatosos, o único espaço doméstico onde se admitia o visitante”.

Ao tratarmos destes setores sociais da morada, que funcionam como filtros para selecionar de maneira inequívoca os que poderiam ultrapassar as barreiras da formalidade e adentrar os ambientes da intimidade, percebendo que esses espaços

---

<sup>1</sup> A sala no período colonial era principalmente o salão de visitas, localizado sempre a frente e, quando no pavimento superior, era normalmente serviço por uma exclusiva circulação. VERISSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Malmann. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 59

compõem a vida privada dos familiares, ou seja, aquele “desconhecido universo velado, preconceituoso, repleto de símbolos e tabus raramente revelados a visitantes, que são elementos estranhos ao seio da família”. (VERÍSSIMO e BITTAR. 1999: p. 88)

Assim relata o arquiteto Vauthier em sua viagem feitas a província de Pernambuco:

*Queremos falar ao dono da casa. Ele nos conduz a uma escada reta, iluminada pelo alto, e nos precede. Em cima, a escada é fechada por uma porta vazada. O negro toca a sineta. Uma figura de mulher negra ou fortemente bronzada em breve aparece entre as grades. Depois de algumas palavras trocadas com o introdutor, ela vai ver se o senhor está em casa. Passos de criança atravessam o corredor; ouve-se o farfalhar de um vestido de mulher e, depois de uma espera mais ou menos longa, a porta se abre, enfim. Conduzem-nos à sala de frente, onde o dono da casa nos espera com todo o cerimonial. (Vauthier, 1840)*

Já as alcovas são exemplos clássicos neste contexto privado da sociedade patriarcal oitocentista, não representando mudanças significativas no decorrer da colonização nem mesmo nos solares neoclássicos, como destaca. Estes ambientes de repouso, descanso, convívio íntimo ou sexo, terão na casa oitocentista rigorosa simetria, fazendo valer o conceito de isolamento e privacidade, distribuindo os quartos sempre no centro da casa e para aquelas com espaços mais generosos, como é o caso do Escurial, encontramos janelas nesses aposentos, mas na maioria das vezes, voltadas para pátios internos, referendando o ideal de privacidade.

São exatamente estas características estilísticas na divisão dos ambientes do palacete Escurial que dão significados diversos à materialidade que está distribuída nos espaços, mobiliário que demonstrava já à primeira vista o valor monetário que foi empregado para sua aquisição, determinando em que ambiente da casa seria alocado e em que ocasiões seriam utilizados.

### **III – A intimidade na morada**

Num contexto de efervescentes acontecimentos do folgo Dias Coelho e Melo, a casa-grande do Engenho Escurial foi cenário para nascimentos, mortes, casamentos, batizados, enterros, festas e outros eventos que demarcaram diferentes temporalidades familiares composta por uma rica ritualística, repleta de cerimonial e protocolos, permeada por várias gerações.

Desde a fundação da casa-grande do Engenho Escurial, que ocorreu nos anos quarenta do século XIX, a vida doméstica apresentava-se sempre de maneira ativa, regada por acontecimentos dos mais diversos e que pela proeminência política, social e econômica desse destacado clã, revelam ser um marco na história da Província de Sergipe.

A vida familiar inicia-se no luxuoso palacete Escurial quando Antônio Dias Coelho e Melo, futuro Barão da Estância, casa-se com D. Lourença Dantas de Melo com quem tem dois filhos Amélia e Pedro, mas fica viúvo pouco tempo depois no nascimento do garoto, tendo-os matriculado no internato, a filha mais velha no colégio de Dona Possidonia Bragança na cidade de Laranjeiras. Contraindo segundas núpcias com D. Lourença de Almeida Dias Melo em 1861, uma bela e delicada jovem de quatorze anos, que era filha do Major Serafim de Almeida do Engenho Buraco. Depois que se casou o comendador Antônio Dias Coelho e Melo trouxe seus filhos novamente para casa, mandando buscar na Europa uma alemã para auxiliar na educação dos pequenos, vindo para Sergipe Madame Marie Lassius.

Novos nascimentos acontecem no Escurial em 1863 e 1867, chegando ao mundo duas filhas do segundo casamento do Barão, Aurélia de Almeida Dias e Ana de Almeida Dias, respectivamente. A educação das crianças no Escurial começa cedo, aos dez anos Aurélia inicia as suas aulas de português, com uma professora de Aracaju, e de línguas, principalmente francês e alemão, e as aulas de piano, ambas lecionadas pela preceptora, que colaborou com a educação destas crianças durante doze anos.

Mas era na vida cotidiana, ao receber os amigos, ao promover missas no oratório do engenho, jantares, ou mesmo quando o Barão tratava de negócios, que este poderoso clã apresenta-se para a aristocracia sergipana reafirmando quão ricos e poderosos eram. Mas esta mensagem não vinha só através do discurso ou mesmo o número de escravos e hectares de terras que o patriarca possuía, este recado ficava subentendido no rico universo simbólico criado pela família, circundado por toda uma ritualística pregada pelos códigos de bom tom.

#### IV – Os festejos religiosos

Os eventos religiosos eram momentos importantes da sociabilidade familiar, onde era preciso manter uma postura condizente com aquele ambiente de fé e reflexão, pois nas Igrejas, como aconselha o cónego francês J. I. Roquette, “vos achais em companhia de diferentes pessoas, e como muitas vezes entrareis nos templos por diferentes motivos que o de orar, cumpre que saibas a maneira de vis comportar em tais casos”.<sup>2</sup>

A presença da família nos festejos religiosos eram frequentes, principalmente em São Cristovão, pois não iam muito a Itaporanga, pelo fato do Barão não possuir moradia lá, ficando os familiares sempre dependestes da hospedagem na casa de parentes. Mas estes não tornaram-se obstáculos para as obrigações de devoção do Barão e sua família, como nos relata Aurélia em suas memórias:

*(...) Meu pai nunca deixou de assistir a Missa nos domingos, voltava para casa logo depois. Meu pai gostava muito de todos os Actos da Igreja.*

*Nunca deixamos de assistir a Festa de Nossa Senhora d’Ajuda, e uma grande festa do Engenho Dira da família materna O padroeiro Senhor dos Afflictos. (...)*

*Pelo Natal havia sempre Missa no Oratorio da Fazenda Escurial. (ALBUQUERQUE. 2005: p. 53 -54)*

Os homens nestes momentos precisam tirar o chapéu em sinal de respeito que devem mostrar em primeiro lugar, mesmo que este pertença à outra religião seria uma loucura ou uma insolência não fazer. No caso das senhoras, deveis tirar as luvas e dar-lhes água benta, pois devemos notar que nas relações matérias que se têm com os príncipes é exigido à etiqueta que as mãos estejam nuas, ou contrario da utilização em outras ocasiões, mas de maneira geral, devem manter-se de pé, ajoelhados ou assentados como estiveram todos os demais. (ROQUETTE. 1997: p.71 a 73)

Roquette ainda dá mais dicas:

*Quando entrares, (...), numa igreja para visitar os painéis, as estatuas ou outros quaisquer objetos de arte, e não para fazer oração, deveis escolher as horas em que se não celebram as missas ou fazem os officios divino; deveis sempre falar baixo, e andar pausadamente, não dar o braço ás senhoras, e conservar uma compostura de corpo recatada e respeitosa; e nunca saias sem ajoelhar diante do altar onde estiver o Santíssimo, e fazer uma breve oração. Em rigor deve ser*

---

<sup>2</sup> ROQUETTE, J. I. **Código de bom-tom, ou, Regras de civilidade ou bem viver no século XIX.** Organização Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, coleção retratos do Brasil, 1997. p. 74

*esta a primeira coisa por onde há de principiar quando entrares na casa de Deus.*<sup>3</sup>

Em justificativa a essas regras vem o argumento que na França se quiser passar por bem-viver ou bem educado é preciso está disposto a praticar esses códigos de etiqueta nos espaços públicos, sendo os franceses bons exemplos a serem seguidos, pois pondo estas condutas em prática merecerás os louvores das pessoas sensatas e bem criadas, sendo a Igreja só o primeiro exemplar de muitos que ainda iremos apresentar.

Ainda referindo-se a Igreja, não podemos deixar de expor todo o processo que cerca a cerimônia de casamento, celebração esta que ocorreu inúmeras vezes no Escurial, primeiro com a primogênita, Amélia Rollemberg em 1867, logo após Aurélia Rollemberg em 1884 e por fim a filha mais nova do Barão, Anita Bittencourt que casou-se em 18 de fevereiro de 1886. É importante observarmos que Pedro, filho mais novo do primeiro casamento do patriarca, casou-se no Engenho Lombada com Anna Luiza, filha primogênita do Comendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, mas isso não excluiu todas as exigências de civilidade de uma cerimônia religiosa.

A celebração das núpcias é uma grande cerimônia que envolve os rituais religiosos e familiares, compondo características bem diversificadas a depender da família e grupo social a qual pertença. No caso dos Dias Coelho e Melo todo o processo, que se inicia com os ritos religiosos até a festa de recepção aos convidados, era repleto de muito luxo e ostentação. Os pais dos noivos convidam todos os seus parentes, amigos e conhecidos, incluindo as camadas sociais mais influentes e poderosas, para assistirem no Oratório da casa-grande do Engenho Escurial à bênção nupcial.

As senhoras apresentavam-se com seus melhores vestidos, e no caso do casamento de Aurélia o próprio Barão foi a Capital do Império comprar todo o enxoval e roupas para esposa e filhas. Os homens não ficando para traz, também colocavam suas melhores vestimentas, com luvas brancas e botas envernizadas. A noiva, protagonista da festa, toda vestida de branco, com grande véu, descendo-lhe até os joelhos, grinalda e ramalhete de flores, as mais bonitas. Há sempre missa rezada ou cantada, dependendo do ordinário padre autorizado que a celebre, fazendo sempre um belo discurso aos noivos e as famílias. (ROQUETTE. 1997: p. 84)

---

<sup>3</sup> Idem. p. 80

Como exemplo de celebração grandiosa, podemos destacar as núpcias de Aurélia Rollemberg com Gonçalo do Faro Rollemberg, que durou três dias, começando no palacete Escurial e tendo seu fim no Engenho Topo, que pertencia a família do noivo.

Vejamos como a própria noiva relata a festa em sua caderneta de memória, mostrando com clareza todo o simbolismo e opulência dos eventos promovidos pela açucarocracia sergipana, apresentando todas as prerrogativas que existiam para pertencer a uma elite que se sofisticava com o tempo.

*“16 de Fevereiro de 1884. Pela madrugada teve alvorada o musico tocou. A casa está ricamente enfeitada e bonita. Começavam a chegar os convidados e as 8 horas chegou o noivo com grande acompanhamento, 2 pagens fardados, muitos foguetes, musica etc. Serviu-se café, depois a Missa e depois o casamento. Chorei muito pois mesmo querendo muito bem a Gonçalinho, não podia me conformar com a separação dos meus pais, da minha casa e principalmente da minha irmã Annita que nunca nos separamos. Foi muito bonito o casamento, pratica musica.*

*Depois os abraços parabéns e fomos para sala de visitas até o meio dia a hora do almoço um banquete enorme com o que podia ter de melhor. A louça e cristaes que serviram ao Imperador quando estive la. Depois do almoço fui fallar com as empregadas que me queriam muito bem e choraram muito com saudades. Abracei todas. Só cosinheiras tinham lá 15, das parentes que mandaram, sendo a velha da casa a melhor que sabia dirigir. Depois fomos de novo para a sala, dançamos até a tardi, (...). Fique com o lindo vestido de noiva. Chegou a hora do jantar, muitos brindes Champagne a vontade vinhos todas as qualidades; brindes aos noivos não acabava a cada musica que tocava. 2 mesas enormes, Ina cabeceira dos noivos (...) Depois fomos de novo para a sala de visitas conversar, dançar, piano muito até madrugada. (...).<sup>4</sup>*

Com as palavras de Aurélia percebemos todo o ritual que era criado em torno da junção de duas importantes casas baronias de Sergipe. Logo a chegada do noivo, com seus pajens bem fardados, reproduzindo ainda aquela imagem dos cavaleiros medievais com seus fiéis escudeiros, o que naquele momento demonstrava para os presentes o prestígio e poder daquele homem. A memorialista continua sua narração destacando os ambientes da casa em que a festa aconteceu, a sala de estar e a de jantar, ambas no pavimento superior do palacete Escurial.

Nestes dois espaços da moradia a filha do Barão nos dá informações valiosas a cerca da posse, composição e distribuição da materialidade presente nestes cômodos. A começar pelas duas grandes mesas da sala de jantar, citando logo a pós a sala de visitas, que é composta por canapés, poltronas, sofás, cadeiras sem braços e um dunquerque, mobiliário que por circunstância da festa de casamento foi retirado daquele espaço. No

---

<sup>4</sup> ALBUQUERQUE, Samuel B de M. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial /Scortecce Editora, 2005. p. 88-89.

que se refere às louças, Aurélia deixa bem claro que o conjunto utilizado em seu casamento foi o mesmo usado pelo Imperador quando visitou a propriedade, sendo provavelmente um aparelho de porcelana inglesa da segunda metade do século XIX.

Já com relação ao piano citado por Aurélia, que não está mais nas dependências do engenho e também não se sabe o que foi feito, por muito tempo foi considerado um instrumento da elite cultural e econômica brasileira, sendo sinônimo de status social, onde a cultura européia passava a ser cultuada pela aristocracia brasileira e tocar piano fazia parte dos novos hábitos sócio-culturais que toda moça da elite deveria ter.

*Desde muito cedo o piano revelou duas características simbólicas peculiares que seriam a este instrumento associadas ao longo de muitas décadas: não somente predominou nas famílias da elite – com destaque, inicialmente, às oligarquias fundiárias agro-exportadoras -, mas já era também associado à figura feminina (AMATO, 2008: p.170)*

Encontrando o piano lugar de destaque nas casas-grandes brasileiras, identificando-se prioritariamente junto ao gênero feminino.

## **V – Bailes, jantares e banquetes**

*(...) meu pai gostava muito de festas, convidava muita gente sem deixar de ter sempre lá um Presidente, quando o Partido Liberal estava de cima e noutras accaçoies iam Presidentes e fazia festas.<sup>5</sup>*

Como nos mostra os escritos autobiográficos de Aurélia Rollemberg, o Barão da Estância era muito afeito a comemorações, bailes, jantares e grandes banquetes em seu belo casarão, principalmente quando sua situação política era favorável no contexto local e nacional. Estas festas no palacete do Engenho Escurial eram verdadeiros encontros da aristocracia sergipana, não só os senhores do açúcar, mas também ricos comerciantes, pecuaristas, políticos e militares.

Como podemos observar nas memórias de Aurélia não era necessário que houvesse uma data comemorativa de caráter religioso para que seu pai promovesse um dos seus jantares ou festejos. Mas era no São João, no Natal e no primeiro do Ano que as maiores comemorações aconteciam no Escurial. Muitos foguetes e convidados, estes restritamente escolhidos pela família, animavam a noite junina, durante as

---

<sup>5</sup> Idem p. 54

comemorações natalinas e de ano novo, as missas eram presididas pelo cônego de São Cristovão e a abundância de beleza e esplendor estava por toda parte.

Em 1867 acontece no engenho uma das suas grandes festas em comemoração ao batizado da filha mais nova do Barão da Estância e ao casamento da mais velha, Amélia Dias Melo com José de Faro Rollemberg, filho do Barão de Japarutuba, momento este que percebemos um contrato matrimonial entre duas famílias nobilitadas e abastadas da Província sergipana, buscando desse modo preservar suas riquezas e multiplicá-las com a soma das fortunas.

Desse modo em busca da boa recepção, o folgo presidido pelo Barão da Estância busca nas regras de civilidade a melhor maneira de receber seus convidados, conduzindo os homens a estar sempre à disposição da senhora da casa, durante os bailes, que sempre pedia aos seus convidados que tirassem para dançar aquelas mulheres consideradas abandonadas, pois as que não eram esquecidas pelos cavalheiros nunca lhes faltavam pretendentes.

Tendo os homens à obrigação e delicadeza de quando iam tirar uma dama para dançar mostrar toda sua educação, não se esquecendo de dizer: “A senhora quer fazer-me a honra de dançar a primeira contradança?”. Sendo aconselhando para os rapazes que utilizassem sempre a palavra honra e nunca gosto, pois esta última não é admitida entre as boas companhias, pois traz significado ambíguo. (ROQUETTE 1997: p. 148)

Quanto às moças que eram convidadas por muitos cavalheiros para dançar tinham que ter atenção para não confundir uns com outros, precisando ficar muito atenta para não atrapalhar-se na sequência das contradanças prometidas, pois se isso ocorresse haveria um desconforto entre os cavalheiros e desse modo a dama era obrigada a dizer que já estava muito cansada e não poderia cumprir as promessas feitas. E ainda mais importante era a dama não demonstrar preferências a nenhum dos homens que as tinha convidado para dançar.

Mas os homens e também as mulheres precisavam ter muita desconfiança com todas aquelas sensações que os bailes oitocentistas provocavam, pois toda aquela música, as luzes, pessoas diferentes, os cheiros e sabores provocavam certa embriaguez, que era necessário ser podada antes que extrapolasse as esferas da boa educação. E mesmo que o baile não tivesse agradado a algum convidado, era da polidez dos bons

modos não manifestar desconforto, pelo contrário, antes de ausentar-se era necessário agradecer aos donos da casa ou anfitriões.

Como todo evento social que ocorria no solar, nos jantares os convidados e familiares não iriam só sentar-se à mesa e pôr-se a comer o que se apresentava, havia sempre muitas formalidades e protocolos. As louças e todos os demais utensílios utilizados eram escolhidos especificamente para cada recepção, a depender, é claro, de quem seriam os convidados e quais os objetivos da recepção.

Em um banquete como o servido ao imperador, em sua visita a propriedade, todo o protocolo imperial tinha que ser respeitado, não podendo haver falhas nos serviços à mesa e de como os utensílios seriam distribuídos sobre ela. O aparelho de jantar era o mais refinado exemplar que um brasileiro poderia possuir naquele momento.

*Nada contribui tanto para que um banquete seja completo como a boa disposição da mesa e serviços dela; não só o bom gosto exige, mas a boa ordem que nele de reinar o prescreve. Pelo quê, não basta que o copeiro ou outro criado hábil disponha tudo como convém, principiando cedo em pôr a mesa, mas o anfitrião ou a senhora da casa deve inspecionar tudo para que nada falte, e para que o serviço se faça com ordem, prontidão e delicadeza. (ROQUETTE. 1997: p. 211)*

Em outras ocasiões ao receber presidentes e outros políticos ilustres da Província, a mesa também era posta de forma a mostrar para os recepcionados o quão civilizados eram os Dias Coelho e Melo, utilizavam aparelhos de jantar de valor, mostrando a proeminência da família também a mesa.

Era nestes grandes e importantes banquetes oferecidos pelo Barão que se tinha oportunidade de perceber as práticas de boas maneiras dos familiares e convidados a mesa, mas estas representações de educação não se resumiam somente àquelas já difundidas em outros grupos sociais, como a prática do não engolir o alimento com precipitação, que não soprassem a sopa quando muito quente, que não levassem grandes quantidades de comida a boca, ou que não mastigassem os alimentos de uma maneira muito sonora, que poderia ser escutado de uma ponta da mesa até a outra e ainda que não servissem a outras pessoas com a mesma colher que tenha servido-se.

O que preocupava verdadeiramente a aristocracia brasileira e também os Dias Coelho e Melo era a concretização do jantar de forma perfeita, assim como pregavam os franceses. O cardápio escolhido tinha que ser condizente com os recepcionados, pois se fosse um banquete só para homens tinham que servir pratos de iguarias fortes,

suculentas e quentes, nada de massas leves e iguarias muito doces, como era comumente apreciado pelas mulheres.

E no Engenho Escurial, como destaca Aurélia em suas memórias, era a escrava Senhora a responsável pela cozinha da família, possuindo dotes culinários muito apreciados pelos familiares e convidados, sendo este aspecto muito importante para o sucesso deste tipo de recepção, pois “a bondade dum grande jantar consiste não na profusão, nem no demasiado apuro das iguarias, senão em que sejam bem variadas na qualidade, no tempero, e na maneira de as preparar, e de tal arte dispostas que não se pareçam uma com as outras”.<sup>6</sup>

## VI – As visitas as costureiras

A vida na capital do Império era deslumbrante para família do Barão, a efervescência e dinâmica de uma cidade grande, como o Rio de Janeiro, eram bem diferentes da vida que levaram na terra natal, se comparadas à vida tranqüila e pacata dos dias no Escurial e nas vilas, cidades e freguesias sergipanas. Os Dias Coelho e Melo precisaram se adequar ao contexto metropolitano no qual estavam inseridos, absorvendo desse modo as práticas que eram ditas da elite carioca naquele momento.

*A allemã foi logo entender se com uma francesa conhecida d'ella, costureira de 1<sup>a</sup> Madame Laurant que tinha Atelier em cima da Confeitaria Paschoal.*

*Fomos lá para ser apresentadas tomar medidas, escolher as fazendas que ella mandava buscar amostras, não escolhíamos os modelos, por sermos pouco entendidas. Ella era uma francesa que fallava o portuguez, delicada e optina modista. (...). Dias depois nós já estávamos bem vestidas passeando na Rua Ouvidor. Minha mãe n'esta occazião tinha 32 annos de idade muito moça e bonita, julgavam que nós fossemos irmãs.<sup>7</sup>*

As primeiras mudanças da família aconteceram nos modos de vestir, pois a primeira moda que surgiu claramente ao Brasil foi à francesa, a partir da chegada da família real portuguesa em 1808, sendo os nobres conhecedores das tendências européias, sabiam que quando o assunto era requinte no vestuário, os franceses estavam sempre um passo a frente. Assim, a nova classe emergente brasileira também deveria

---

<sup>6</sup> ROQUETTE, J. I. **Código de bom-tom, ou, Regras de civilidade ou bem viver no século XIX.** Organização Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, coleção retratos do Brasil, 1997. p. 210

<sup>7</sup> ALBUQUERQUE, Samuel B de M. **Memórias de dona Sinhá.** Aracaju: Typografia Editorial /Scortecci Editora, 2005. p. 64-67-68.

entrar na linha, significando comportar-se com civilidade, como os franceses. E a moda era um indicativo para esta postura.

A Rua do Ouvidor, no centro do Rio, foi a primeira a concentrar lojas francesas. As que não eram autênticas, buscavam afrancesar-se adaptando nomes como: Madame Dupeyrat (coletes), Madame Estouieigt (alta-costura), Madame Coulon (camisaria), Madame Douvizi (chapéus femininos) e Madame Rozenvald (florista). Ao longo do século XIX, muitos profissionais da moda se instalaram no “beco do luxo”, como era chamada a rua, o endereço mais chique da cidade. (ESQUENAZI. 2009: p. 56)

No trabalho a pouco citado, a autora traz uma minuciosa descrição de como as jovens senhoritas transitavam pelo Rio de Janeiro na segunda metade dos oitocentos, particularmente no Largo da Carioca e na Rua Gonçalves Dias, amparada pelos relatos do jornalista Luiz Edmundo, que narra às belas mulheres que viu desde a infância até idade adulta, onde o memorialista carioca descreve que as mulheres no Rio:

*Vestem saias compridas, amplas, cheias de subsaias, sungadas à mão. Mostram cinturinhas de marimbondo, os traseiros e tufo, ressaltados por coletes de barbatanas de ferro, que descem quase um palmo a baixo do umbigo. Todas de cabelos longos, enrodilhados no alto da cabeça e sobre os quais se equilibra um chapéu que, para não fugir com o vento, fica preso ao grampo de metal em forma de gládio curto, com um cabozinho enfeitado de madrepérola ou pedras de fantasia. Usam como fazendas, o surah, o faille, o chamalote, o tafetá e o merino; calçam botinas de cano alto, de abotoar ou presas a cordão, o infalível leque de seda ou gaze na mão, sempre muito bem enluvada. (ESQUENAZI apud EDMUNDO. 2009: p. 56)*

Percebemos que com as experiências adquiridos na Capital do Império pelo Barão e sua prole, estas foram transportadas para vida cotidiana do Escurial, servindo como mais um símbolo de reafirmação do aristocrático folgo sergipano.

Assim aconteceu com o serviço de chá, que originaram-se na china e chegaram ao Brasil através da corte portuguesa que a exemplo da Inglaterra também passaram a utilizá-la junto com as peças de porcelanas para sua absorção. Era uma atividade eminentemente feminina cercada de muito luxo e ritual próprio. Como era um produto escasso e de auto custo, seu consumo tornou-se restrito as camadas sociais mais abastadas.

O chá passou a ser um poderoso instrumento de sociabilidade. A mesa do chá era composta das mais pomposas louças, diferentemente de outras mesas como a de jantar, o que demonstrava o poder aquisitivo de quem o praticava, o que justificava o não uso de peças grosseiras. (LIMA, 1997) Sendo o server do chá bem como a posse

das peças que compunha seu serviço, o universo simbólico criado pelo seu status, sendo reservadas as famílias mais abastadas, como era o caso dos Dias Coelho e Melo.

## **VII – Considerações finais**

Quando adentramos a morada dos Dias Coelho e Melo nos transportamos para um passado longínquo, onde as reminiscências da proeminente família permanecem vivas em todos os cantos do pomposo palacete Escurial. Esta casa-grande foi cenário para muitos acontecimentos, nos mais deferentes tempos e circunstâncias, construindo o que chamamos de vida privada, da qual a partir da análise, conseguimos extrair os hábitos e costumes deste poderoso clã nobilitado da Província de Sergipe.

São os cenários criados pela família patriarcal oitocentista na morada que conseguimos perceber todo um universo simbólico e ritualístico da vida cotidiana dos familiares, determinando de que maneira os indivíduos deveriam comportar-se distinguindo assim a que grupo pertenciam. Todas estas regras e condutas eram pregadas pela modernidade, que não perdoava falhas e desarranjos no processo de civilização dos mais diferentes grupos, principalmente daquelas que mais a vista estavam do restante da sociedade, ou seja, a família.

Tratar da vida doméstica e familiar implica penetrar no âmbito do domicílio, espaço privilegiado da convivência e da intimidade oitocentista. A casa é o domínio privado por excelência, mas também célula moral e política da sociedade (MUAZE. 2008). A morada é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual esse mesmo folgo faz parte e quer mostrar-se, ao mesmo tempo em que é sua geradora.

Contudo a vida em família esgarçava-se para além de um mesmo espaço físico e do estudo de sua composição em termos numéricos. É exatamente o que as memórias de Dona Sinhá nos mostra, o enredo que envolvia todo o cotidiano do engenho, presentes nos gestos mais prosaicos como as aulas ministradas pela preceptora alemã às crianças, principalmente as meninas, onde lhes ensinavam desde música clássica (piano) a línguas estrangeiras e códigos de bom tom, e tudo o que ocorria costumeiramente em uma família representante da nobreza local oitocentistas.

Mas não só isso, as lembranças da filha do Barão da Estância vão até a capital do Império, relatando as atividades políticas do seu pai, a busca por boas relações com o Imperador e seus ministros para obtenção do título nobiliárquico e os relatos dos

costumes e hábitos observados e adquiridos na corte pela família, a exemplo das visitas as modistas francesas para confecção de vestidos, buscando adequar-se ao novo ambiente social frequentado pela família a partir da nobilitação do patriarca. Frequentar a corte do Rio de Janeiro exigiu um arsenal com o qual a provinciana família não estava instrumentalizada.

É com os olhos voltados para as aristocráticas famílias oitocentistas que nos cabe perguntar: Como o “viver em família” era experimentado cotidianamente? E quais os diferentes papéis familiares vivenciados na intimidade? Estas são algumas questões que ainda precisam ser abordadas na historiografia para que possamos apresentar os hábitos e costumes dessas proeminentes famílias, buscando compreender os usos e costumes das casas brasileiras e o seu universo simbólico.

Portanto, percebemos que o contexto da segunda metade dos oitocentos na ordem privada da elite brasileira foi marcado pela forte construção de cenários que se assemelhassem com a corte e toda sua opulência, compondo um panorama da história dos poderosos latifundiários do XIX, onde o estudo de uma propriedade em particular, o Engenho Escurial, nos deu uma visão bem específica do processo que gerou a chamada açucarocracia, com seus senhores que administravam suas posses com um poder quase absoluto, valorizando a posse e ostentação de uma significativa materialidade, em um mundo novo que se descortinava com o avanço inclemente da modernidade e seus objetos de desejo em fins do século XIX, impondo um ordenamento das atividades de consumo com a expansão dos produtos industrializados ingleses e das regras de bom tom pregadas pelos franceses, provocando um realinhamento dos valores culturais colocados em prática até então.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Manuscritos:**

INVENTÁRIO *post-mortem* da Baronesa da Estância. São Cristovão, 1890. AGJ, Cart. 1º Of. Inventários, cx. 16, n. geral 29.

PROJETO da Constituição. Arquivo da Casa Imperial do Brasil (Sigla: POB) BRASIL (1822-1831) I-POB-1823-Bra.pj. [1823]. 6 fls. duplas, formando um caderno, e 2 fls. duplas.

TESTAMENTO do Barão da Estância. São Cristovam, 1904. AGJ, Cart. 1º Of. Testamento, cx. 11 n. geral 77.

### **Impressos ou periódicos:**

DIÁRIO do Imperador D. Pedro II na sua visita a Sergipe em Janeiro de 1860. **Revista do IHGS**, v 21. n. 26b, p.64-78. 1965.

TOLLENARE, L. F. Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818, parte relativa a Pernambuco. In: **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**, vol. XI, n.º 61, pág. 443.

VOUTHIER, Louis Léger. Casas de Residência no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, n. 7, 1943.

### **Bibliografia**

#### **Artigos, monografias, dissertações e referencias eletronicas:**

ALBUQUERQUE, Samuel B. de Medeiros. Antonio Dias Coelho e Melo, o Barão da Estância. Aracaju: **Revista do IHGS**. nº 34. 2003 p.103 – 108.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Açúcar Amargo**. A construção de engenhos na Bahia oitocentista. São Paulo. 1994.

ESQUENAZI, Rose. **As coquettes de Copacabana**. IN: A França nos trópicos/organizado por Luciano Figueiredo. Coleção Revista de História da Biblioteca Nacional no Bolso. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.p. 54 a 58.

LIMA, Tânia Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista In: **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material**. São Paulo. Nova Série, v. 5, 1997.

\_\_\_\_\_. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *Manguinhos – história, ciências, saúde*, II (3), 1996. p. 44-96.

#### **Livros:**

ALBUQUERQUE, Samuel B de M. **Memórias de dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial /Scortecchi Editora, 2005.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. IN **História da vida privada no Brasil** 8. r. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.2

BARATA, Carlos E. BUENO, Antônio H. da C. **Dicionário das Famílias Brasileiras**. São Paulo: Ibero Americana. v. 01 A a G.

CARVALHO, José M. de. A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial, 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume – Dumara,1996.

DANTAS, Orlando Vieira. **A vida Patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - v. 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990.
- FARIA, Sheila da Castro. **A colônia em movimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.
- MUAZE, Mariana. **As memórias da viscondessa**. Família e poder no Brasil império. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- ROQUETTE, J. I. **Código de bom-tom, ou, Regras de civilidade ou bem viver no século XIX**. Organização Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, coleção retratos do Brasil, 1997.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VERISSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Malmann. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.